

CONTOS POPULARES: TRADIÇÃO ORAL NO MUNICÍPIO DE GURUPÁElias Pena GARRIDO¹
Edson de Freitas GOMES²**Resumo**

O presente artigo tem por objetivo mostrar por meio dos contos populares a tradição de narrativas orais que atravessam gerações no município de Gurupá. Para tanto utilizamo-nos de material bibliográfico que nos deu suporte teórico para embasarmos o trabalho, com a seleção de autores como: Benjamin (1983), Busatto (2008), Cascudo (2006), dentre outros. A metodologia utilizada para a realização do artigo se compôs de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, em que entrevistamos quatro moradores do Arinhoá e uma moradora da cidade de Gurupá que nos cedeu a entrevista que ela e seu grupo fez com moradores da cidade. De posse dos dados, buscamos encontrar passagens nas entrevistas que nos dessem informações sobre a manutenção ou extinção dessas histórias na memória do povo gurupaense, tanto da cidade quanto do interior. Finalmente elaboramos a redação final do artigo.

Palavras-chave: Contos populares. Rural e urbano. Tradição oral.

Introdução

Os contos populares são de grande relevância no cenário da literatura, pois, são caracterizados pelas narrativas orais que propiciam um importante meio de conservação e propagação da cultura humana, transmitidas de uma geração a outra. Com o advento da escrita, houve um acentuado declínio da narrativa e da tradição oral. Em vista disso o presente trabalho traz uma abordagem sobre as transformações históricas dos contos populares na tradição oral e na figura do contador de histórias e sua função social, e busca fazer um resgate da tradição oral através do registro e análise dos relatos observados na realidade do município de Gurupá que paulatinamente vem sendo deixado de lado, pela constante presença das mídias eletrônicas e a urbanização da cidade.

O objetivo do trabalho é identificar transformações dos contos populares na tradição oral do município de Gurupá, buscar informações a respeito da tradição oral de contar histórias e observar quais foram os fenômenos que causaram o declínio dessa tradição, refletir sobre o porquê as pessoas estão deixando de lado a tradição das narrativas orais.

O trabalho se justifica por representar uma tentativa de resgate da tradição de contar histórias que há muito vem sendo deixado de lado, pois com o advento das mídias eletrônicas, e a urbanização das cidades, as pessoas perderam a capacidade de representar os fatos por via oral. E a importância que a escrita alcançou no mundo atual, fez com que a tradição das narrativas fosse deixada de lado.

¹ Graduando em Língua Portuguesa pelo PARFOR/UFPA.

² Professor do PARFOR. Mestre em Linguística pela UFPA.



Para realizarmos o trabalho, entrevistamos 5 moradores do município de Gurupá, a fim de fazermos o registro e a análise dos relatos tomados junto aos informantes.

O conteúdo deste artigo está distribuído por 4 seções:

Na introdução, apresentamos a justificativa, o objetivo, e a metodologia, que são elementos direcionadores do artigo.

Na seção 1 - Fundamentação Teórica, relatamos parte da literatura que selecionamos e consultamos para embasamento para o trabalho. Na seção 2 - Metodologia, descrevemos os passos seguidos para a coleta dos dados e confecção do artigo. Na seção 3 – Discussão dos Dados, apresentamos os resultados obtidos na pesquisa durante o trabalho de observação dos dados. Na seção 4 – Considerações Finais, expomos uma síntese dos resultados obtidos durante a descrição dos dados do *corpus* do trabalho. Nas Referências, apresentamos o material bibliográfico consultado e citado na pesquisa.

1 Referencial Teórico

1.1 Origem dos Contos

Nesta seção serão abordados aspectos que visam alcançar uma definição para contos populares, reconhecendo que essa é uma manifestação bastante antiga, que ao longo do tempo vem passando de uma geração para outra através de viajantes que se preocuparam em contar e assim transmitir para outras pessoas ao longo dos tempos.

Cascudo (2006, p. 53), afirma que:

a linguagem oral carregou consigo os conceitos generalizados, conhecimentos, sabedorias do passado, mas o homem na sua ação sobre o mundo passou a criar instrumentos culturais especiais, como a escrita, que permitem analisar esta sabedoria no presente e a possibilidade de aperfeiçoamento no futuro.

A humanidade criou um dos instrumentos básicos: a linguagem, que como instrumento, o homem usou para dominar seu ambiente e seu próprio comportamento. Dessa forma passou a contar e ainda conta histórias, compartilhando com outras ideias, relevando intenções. Ao contar histórias a partir de situações comuns, expressões das palavras e uso da imaginação é que surge a narrativa. Assim, “o contar se configura como importante meio de constituição e propagação da cultura e história dos indivíduos, histórias existem para serem contadas, serem ouvidas e conservadas”. (BUSATTO, 2008, p. 17).

Quando nos referimos à importância de pesquisar as narrativas populares nos dias atuais, devemos reconhecer que no passado, contar histórias tinha uma grande importância para as pessoas que a través do conto podiam passar informações relacionadas a diversos aspectos da sua vida e do seu tempo. Para Cascudo (2006,): “Era comum a presença de contadores de histórias que tinham a função de relatar contos milenares, de origem indefinidos, para adultos e crianças.” Vários desses contos venceram o tempo e ainda são contados, pois esta tradição de contar estória remonta ao ANAIS DO II COLÓQUIO DE LETRAS DA FALE/CUMB - **FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ENSINO, PESQUISA, TEORIA**. Breves-PA, 4, 5 e 6 de fevereiro de 2015. ISSN 2358-1131



momento em que o próprio homem começou a comunicar que qualquer tema ou assunto poderia ser contado; acontecimentos do dia-a-dia, fenômenos climáticos, eventos naturais inexplicáveis, narração de viagens, seres ou coisas.

Os contos populares são narrativas ficcionais. Eles apresentam os mesmos elementos de outros gêneros que também contam fatos e notícias, hoje é comum a dúvida se os contos tradicionais são histórias ou estórias.

Segundo o dicionário do folclore brasileiro, de Luís da Câmara Cascudo, o terno “Estória” se refere à palavra inglesa *Story* que significa, conto, relato, narrativa, crônica, novela, lenda, história, fábula e romance. Essa grafia “Estória” foi sugerida pela sociedade Brasileira de folclore, fundada em 1941, pela necessidade de distinguir as narrativas ou contos tradicionais.

Hoje é comum usarmos a palavra história para os acontecimentos históricos (reais) e também para designar as narrativas, mesmo assim alguns autores fazem questão de continuar usando “estória” para narrativa de ficção. O conto popular é o relato produzido pelo povo e transmitido geralmente por meio da linguagem oral, são histórias que apresentam os termos mais diversos relevando a riqueza da memória e da criatividade popular.

Tendo como base afirmação de Cascudo (2006, p. 207), algumas narrativas desta região que compreende o município de Gurupá foram influenciadas a partir das tradições herdadas dos povos indígenas, africanos e portugueses que ao longo do tempo foram transmitindo essa tradição em forma de conhecimento popular, transformando-a em suporte às crenças do povo e com isso em muitas comunidades é comum elementos que se incorporaram ao imaginário das pessoas, resultado da miscigenação que ocorreu no município.

A esse respeito, Cascudo (2006, p. 209), diz que:

Os contos orais representam a intenção de fixar valores ou padrões a serem respeitados pelas comunidades, incorporados pelos moradores em seu cotidiano, criando outra dimensão, resultando refletir sobre a diversidade de manifestações das práticas e saberes transmitidos às gerações.

Disso depreendemos ainda mencionar que há um grande significado nas narrativas orais populares, especialmente no que tange ao processo de representação das múltiplas vivências transmitidas aos sujeitos sociais envolvidos na vida cotidiana da comunidade, pois:

em diversas comunidades aparecem nomes-chave responsáveis por trazerem até nós as histórias, costumes, valores e crenças do povo em questão, tais elementos serão construídos pela imaginação de cada ouvinte, logo serão únicos. Busatto (2008, p. 20).

Neste sentido, o conto popular assume um papel relevante no contexto escolar, pois apresenta conteúdos significativos no processo de construção do conhecimento sistematizado a partir de um olhar profundo nas histórias narradas, que apresentam um gênero a ser desenvolvido em sala de aula. Assim sendo, há documentos oficiais junto ao Ministério da Educação que



evidenciam a presença deste gênero no currículo das escolas brasileiras, conforme observou Busatto (2008, p. 37):

Ao divulgar os parâmetros curriculares em 1990, o MEC oficializou a pesquisa e endossou a importância da diversidade cultural neste contexto a pertinência do conto tradição popular traz no corpo marcas das culturas e do sistema mítico e de crenças do seu povo. Reconhecendo o conto, estaremos reconhecendo o seu jeito criando, e garantindo o espaço que ele deve ocupar globalmente. Ao reconhecer num povo a sua complexidade, está-se colaborando erradicação de preconceito de todas as espécies.

Ao estudar as narrativas orais muitos pesquisadores têm observado o pouco interesse das pessoas por este gênero, pois, nos dias atuais são submetidas às novas tecnologias, o que acaba por prendê-las aos fatos e acontecimentos do cotidiano que quase sempre já vêm pronto e exigem pouca reflexão, logo analisamos que o conto ao ganhar uma versão escrita consegue se manter por mais tempo vivo, pois a escrita faz com que elementos que antes podiam ser livremente transformados pelo contador se fixem.

Neste sentido é importante afirmamos que o conto popular pode assumir um papel importante na Escola como bem esclarece Haurélio (2010, p. 11), ao definir que:

é possível a convivência da tradição mais genuína com as novas tecnologias. Devidamente orientado, o aluno das séries mais adiantadas pode pesquisar em sua comunidade, ou em sua família, história, lenda, adivinhas etc. Em uma pesquisa de campo que lhe abrirá as portas para um mundo novo e fascinante da boca para o ouvido, de geração em geração, a tradição é preservada. Das reuniões em volta da fogueira, em tempos recuados, às rodas de contação de histórias na sala de aula, o conto popular sobrevive à era tecnológica.

As pessoas, aos poucos vão redescobrimo a beleza da simplicidade naquilo que o estudioso Alemão Zimmer (*apud* Haurélio, 2010, p. 11) define: “Como alimento espiritual dos povos. E nessa troca – sim troca, pois o hábito de contar história é mais do que a mera interação -, todos saem ganhando”.

Neste sentido recupera o conto popular tem grande importância para um povo por questão de seus valores culturais e morais dessa forma e estaremos valorizando em caráter especial.

A esse respeito Busatto (2008, p. 87), afirma que:

recuperar o conto de literatura oral é também perpetuar a nossa cultura e nossa história, porém há nas lendas regionais e casos populares um conhecimento que não pode ser desprezado, pois eles indicam a produção cultural de um povo, suas crenças, temores, e anseios íntimos. Seja qual for a categoria do conto que você pesquisa ele sempre será bem-vindo, pois estaremos contribuindo para a sua permanência.

Para a sociedade atual, contar histórias pode ser encarada como perda de tempo, a cotidianidade está atravessada pela individualização, pelo consumismo e pelo predomínio da informação e da comunicação de massa, relegando a escuta do outro como algo fora de moda.

Em geral, a pessoa tem mais facilidade para enxergar, compreender e descobrir coisas que estão fora deles, distantes. Enxergar o que está próximo ou dentro de nós é mais complicado. É mais fácil, por exemplo, identificar atitudes preconceituosas nos outros que em nós mesmos. Por isso, o tema dos contos poderia ser a dificuldade de enxergar a si mesmo.



Não é de hoje que alguns estudiosos e pesquisadores vêm anunciando sobre as mudanças no mundo moderno e o enfraquecimento do conto oral; esta prática que segundo afirma Busatto (2006, p. 18):

é milenar e se constitui pela transmissão e da recuperação oral de história, chegando mesmo a anunciar seu desaparecimento. As mudanças experimentadas pela sociedade contemporânea que nos últimos tempos, alterara as formas como os homens sentem e representam para si mesmo o mundo onde vivem.

Diante dessas mudanças Benjamin (1983, p. 57), traz a discursão da arte de narrar:

[...] a arte nossa caminha para o fim. Torna-se cada vez mais raro encontrar pessoas que sabem narrar alguma coisa. É cada vez mais frequente espolia-se em volta o embarço quando se anuncia o desejo de se ouvir uma história. É como se uma faculdade que nos parecia inalienável a mais, garantida entre as coisas seguras, nos fosse retirada, ou seja, a de trava experiência.

A narrativa carrega sempre uma utilidade, seja uma lição, um exemplo de vida, uma troca de experiência. Mas se hoje essa troca de experiência tem-se modificado, isto é fruto de um processo de transformação ocorrido nos dias atuais por razão ou necessidade de melhorar a vida do homem em ambos os aspectos, pois:

A arte de narrar tende para o fim porque o lado épico da verdade, a sabedoria, está agonizando isto é um processo que vem de longe, nada seria mas tolo do que querer vislumbrar apenas nele um fenômeno da decadência muito menos ainda moderno. Ele é antes uma manifestação secundária da força produtivas histórias seculares que aos poucos afastou a narrativa do âmbito do discurso vivo, ao mesmo tempo que tornava palpável uma nova beleza naquilo que desaparecia. (BENJAMIN, 1983, p. 59)

Para Cascudo (2006, p. 11), “é preciso que o conto seja velho na memória do povo, anônimo em sua autoria, divulgado em seu conhecimento e persistentes em seus repertórios orais”. Para os moradores da região amazônica, contar histórias é um meio de comunicação, é a literatura oral que representa o sagrado para essas comunidades. Tais processos que podem trazer uma variedade muito grande de experiências, que vão fortalecendo o desenvolvimento interior, ensinando a lidar com muitas situações.

Haurélio (2010, p. 10) conceitua que:

O conto popular também contém mensagens que fornecem subsídios para o desenvolvimento da diversidade cultural, valoriza as etnias, mantém a história viva e resgata significados para nossa existência. Recuperar e divulgar esta literatura pressupõe a importância que ele merece, pois se mantivermos viva a expressão deste povo, conferimos à humanidade o seu devido valor, o de criadores em potencial de maneira que o que está em jogo, não é apenas o que conquistamos através da educação formal, mas sim o que todos nós carregamos de mais primitivo, básico e instintivo, o poder da nossa imaginação.

Jolles (1976, p. 195), no livro *As formas simples*, define o conto oral como uma forma simples. Segundo ele, o conto entendido como uma forma simples apresenta uma linguagem que permanece fluida, aberta, dotada de mobilidade e de capacidade de renovação constante.

Neste contexto a pesquisa feita no município de Gurupá por Calvão (1955, p. 98), observa que várias estórias, a exemplo, a da Cobra Grande, identificando-a como um sucuriçu de grandes



proporções aparece a noite especialmente a noite durante a tempestade que são frequentes na estação intensidade de um farol de parco. Toma outras formas, porém, pode aparecer como um navio encantado ‘barco deserto de tripulantes que singra o rio com todas as luzes de bordo acesa, essa a parições são comuns em Gurupá. O ‘navio encantado’ e avistado na outra margem do rio. Afirma-se que até o ruído do motor pode ser ouvido. Marinho, um morador da cidade, já viu de perto um desses ‘navios’ uma noite navegava em canoa a vela quando percebeu um grande barco, todo iluminado que se aproximava pela popa. Não havia ninguém a bordo o que faz identifica-lo como ‘navio encantado’.

Galvão (1955, p. 99), ainda descreve que o povo de Gurupá inclui um grupo de crenças cuja origem é devido ao outro componente da cultura amazônica (o índio). Essas crenças se referem a seres e conceito que tem a ver com o ambiente local. Os habitantes de cada comunidade acreditam na existência de criaturas como os curupiras, os botos, os companheiros do fundo, os anhangas e outros, que ‘morreram na água ou mata’ das vizinhanças.

Em contraste com atitudes que orientam as relações dos homens com os santos, esses sobrenaturais, não recebem culto. São considerados malignos e evitados ou controlados por intermédio de técnicas especiais. Neste cenário surge a figura dos curadores que são considerados muito devotos como católicos, participam das festas de santos, acompanham as novenas, e não misturam o ritual católico com seus processos de curar.

Além dessas crenças, uma existe que por penetrar tão intimamente na vida cotidiana do caboclo é de particular importância ao se considerar a vida religiosa de Gurupá. É a crença na panema ou panemice, uma força mágica, não materializada, que e capas de infectar criatura humanas, animais ou objeto. Galvão (1955, p. 109). Os casos e as descrições dos sobrenaturais ‘encantados’ como os companheiros do fundo ou os botos, bichos visagentos, curupiras e anhangas, acentuam as concepções básicas que definem as relações entre estes seres e o homem.

Todos os bichos são malignos, quando não efetivamente, como no caso dos botos ou dos curupiras, pelo menos em potencial, como os animais comuns - o veado, o macaco, o inhambu que dependendo das circunstâncias podem se tornar em visagentos.

Mas em todo padrão cultural há que distinguir entre a prática e a norma ideal. O caboclo não é um indivíduo continuamente tolhido em suas empresas pelo medo de ofender ao anhangas ou a mãe do bicho. Qualquer descrição da vida religiosa de Gurupá estaria incompleta se deixasse de incluir ao lado de crenças e instituições católicas, igualmente arraigadas na mente do caboclo, mas de origem diversas. Essas últimas, não podem ser postas de lado sob a alegação que trata de superstições ou de sobrevivências ‘pagãs’, porque são igualmente ativas e capazes de despertar atitudes emocionais e ‘mítica’. Galvão (1955, p. 111).



2 Metodologia

Esta pesquisa aconteceu no município de Gurupá e seguiu os seguintes passos para sua realização: elaboração do projeto de pesquisa, levantamento bibliográfico das obras pertinentes ao tema, pesquisa de campo, elaboração, entrega e apresentação do artigo.

2.1 *Corpus*

Para a realização da pesquisa selecionamos 5 moradores, sendo 1 moradora da cidade de Gurupá e 4 moradores do Rio Arinhoá, interior de Gurupá. Desses 5 informantes, 2 são homens e 3 são mulheres; 3 são da faixa etária até 40 anos e 2 são da faixa etária a partir de 41 anos, conforme quadro abaixo. Com esta metodologia pretendemos identificar se existe diferença significativa entre lugar, sexo e idade, que afetam a manutenção dessa tradição.

Quadro 1: perfil dos informantes

Informante	Sexo	Faixa Etária
Gurupá/urbana	1 mulher	18 a 40 anos
Arinhoá/rural	2 homens	18 a 40 anos/41 anos em diante
Arinhoá/rural	2 mulheres	18 a 40 anos/41 anos em diante

Realizamos as entrevistas em duas etapas, sendo a primeira na zona rural e a segunda na zona urbana.

Na zona rural as entrevistas foram realizadas na comunidade Nossa Senhora da Conceição do rio ARINHOÁ, município de GURUPÁ. Para tanto ouvimos os seguintes moradores:

No dia 10/11/2014, entrevistamos a informante E. S. R., 37 anos. A duração foi de 2,09 minutos. No dia 10/11/2014, entrevistamos o informante H. B. L., 39 anos. A duração foi de 2,20 minutos. No dia 11/11/2014, entrevistamos a informante B. S. L., 50 anos. A duração foi de 4,10 minutos. No dia 11/11/2014, entrevistamos o informante F. S. L., 70 anos. A duração foi de.

Relatos de contos populares de moradores da área urbana de Gurupá.

Na zona urbana a entrevista foi realizada com a informante M. A. R. S. de 39 anos a mesma nos repassou material escrito que ela e outros três colegas fizeram eles entrevistaram moradores sobre lendas urbanas de Gurupá. Por se tratar de uma cidade antiga, Gurupá possui muitas histórias de visagens e aparições fantasmagóricas que no passado atormentavam a vida dos moradores da



cidade, entre as diversas histórias, as mais conhecidas são: Matinta Pereira, Calça Molhada, Cavalo Marinho, Soquete, Fantasma, a Lenda da Cobra Grande, a história de Santo Antonio e o Canela.

As entrevistas aconteceram nos dias 08, 09 e 10 de dezembro de 2014. Para realizarmos todas as entrevistas utilizamos como suporte de apoio um tablet, um celular, caderno e caneta.

3 Discussão dos Dados

Pelos dados que coletamos tanto na zona rural quanto na zona urbana de Gurupá, podemos perceber que a tradição relacionada a contos populares no município de Gurupá tem se mantido ao longo dos anos, pois o relato das pessoas e os materiais escritos que pesquisamos mostram que essa tradição foi muito forte no município, o que não difere das outras localidades da Amazônia.

Com relação a atualidade dos contos no município foi possível identificarmos que hoje essa tradição está sendo deixada de lado, por vários motivos, dentre os quais um muito forte que é a influência massiva dos recursos tecnológicos, pois a maioria das pessoas, em especial da cidade, passaram a ocupar o tempo com programações exibidas pela televisão, o computador, celular etc., e isso não tem permitido muito espaço para outras atividades, inclusive de contar estórias.

Mas ainda assim é grande a influência da tradição, principalmente pelos moradores mais velhos, como nesse trecho “acontecimento que houve há dezenas de anos atrás no rio Moju e que é contada até os dias atuais, por pessoas antigas e conhecidas que ouviram seus pais contarem.”, que guardam na memória a lembrança desses casos, porque na época da infância delas contar estórias era uma das diversões, e as noites eram repletas de trevas, até mesmo a falta de energia elétrica, ajudava a manter as crenças em casos sobrenaturais. Na zona rural então os fatos tinham uma veracidade maior, pelo fato de a mata ser o local onde habitam os seres do mundo mítico.

Em alguns casos de moradores mais antigos, eles fazem afirmações de que já viram uma visagem, a cobra grande ou outro ente qualquer, como se aquilo para ele fosse parte da sua própria história de vida, como no excerto a seguir “A lenda que se conta do Canela é mais verídica e atual, sendo que este ser apareceu diversas vezes em diversas localidade do interior, como por exemplo, ele foi visto no Cojuba, Moju, Marioni, Taiassui, Xingu, dentre outros rios e suas aparições se dão durante a noite, principalmente quando é época do inverno”, e que muitos desses entes são moradores da localidade que em certas ocasiões saem do mato e vão para os rios, as casas e atrás das pessoas para assustá-las.

Identificamos que há termos que são comuns na fala de informantes da cidade e ausentes na fala de informantes do interior e vice-versa. Podemos ver exemplos nestes trechos “Eu gostava de marisca sempre da meia noite em diante” e “conta-se que nas noites de sexta-feira ninguém com um pouco de juízo aventurava-se sair sozinho pelas ruas da cidade”, em que as palavras destacadas são marcas da fala e da realidade dos informantes, haja vista o vocábulo “marisca” é comum no



vocabulário dos habitantes da zona rural, ao que a o vocábulo “ruas” é comum e faz parte da vida das pessoas que habitam na cidade.

Percebemos que não há diferença na forma de contar as narrativas entre homem e mulher, pois os vocábulos que os informantes utilizam são comuns. Dessa forma há pouco a ser explorado com relação à sexualidade dos informantes.

4 Considerações Finais

Neste estudo foi avaliada a inter-relação dos contos tendo como base a tradição oral, a crença e os valores do povo gurupaense. Foram 11 contos, todos coletados na zona urbana de Gurupá e na comunidade ribeirinha Arinhoá. Observamos um conjunto de narrativas que revelam alguns personagens mitológicos da região transmitida de geração a geração, de origem indígena e de povos que para vieram para cá, como negros e europeus. As histórias foram produzidas por pessoas adultas e coletadas e registradas oralmente.

Dessa maneira observamos que as narrativas orais sofreram transformações e isso foi resultado da chegada de novos meios de comunicação como, televisão, celular etc., com base no depoimento da moradora que reside há 40 anos em Gurupá por nome de M.A.R.S., ela nos relata que as histórias eram comuns na vida das pessoas, que colocavam a cadeira em frente das casas para contar histórias de diversos tipos e origem.

No entanto, percebemos que embora as narrativas orais tenham sofrido modificações no decorrer dos anos, percebemos que ainda são muito presentes na memória das pessoas e que possivelmente vai se manter viva por muitos anos.

Se mantivermos viva a expressão do povo, conferiremos à humanidade seu devido valor, o de criadores em potencial, de maneira que o que está em questão não é o que conquistamos através da educação formal, mas aquilo que carregamos de mais primitivo, o poder de nossa imaginação. Portanto do ponto de vista textual, foi mostrada a origem estrutural dos contos. Com isso nos propicia um aproveitamento em busca de algo que poderá ter sido abandonado na cultura local, mas permanecerá adormecido em algum lugar na memória viva do povo.

Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: Textos escolhidos. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

BUSSATO, C. **Contar e encantar**: pequenos segredos da narrativa. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

ANAIS DO II COLÓQUIO DE LETRAS DA FALE/CUMB - **FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ENSINO, PESQUISA, TEORIA**. Breves-PA, 4, 5 e 6 de fevereiro de 2015. ISSN 2358-1131



CASCUDO, Luis da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. São Paulo: Global, 2006.

GALVÃO, Eduardo Santos. **Visagens: um estudo da vida religiosa de Ita**. Amazonas. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1955.

JOLLES, André. **As formas simples**. São Paulo: Cultrix, 1976.

HAURÉLIO, Marcos. **Contos folclóricos brasileiros**. São Paulo: Paulus, 2010.